

ESPAÇO, TRABALHO E ALIENAÇÃO: POR UMA GEOGRAFIA ALÉM DO CAPITAL

William Fernando Queiroz

Universidade Estadual Paulista – Presidente Prudente (FCT/UNESP)

E-mail: will-camilo@hotmail.com

Resumo

Este artigo¹, pretende fazer uma breve discussão acerca do espaço humano, assim como, analisar seu processo de leitura ao longo do pensamento geográfico, ilustrar sua relação com o trabalho humano e o conceito de alienação. Temos que as modificações foram no discurso apresentado pelos geógrafos e no espaço. Portanto, muda-se as formas de alienações, de trabalho e conseqüentemente o espaço. Entretanto, o mesmo continua sendo produzido por um trabalho alienado que acaba por colocar em contratempo a superação das condições sociais e da própria sociedade do capital, tendo como um resultado mais claro, a alienação do espaço e dos indivíduos.

Palavras-chave: Espaço; trabalho; Alienação

SPACE, WORK AND ALIENATION: FOR A GEOGRAPHY BEYOND CAPITAL

Abstract

This article intends to make a brief discussion about human space, as well as to analyze its reading process along the geographic thought, to illustrate its relation with human work and the concept of alienation. We have that the modifications were in the speech presented by the geographers and in space. Therefore, the forms of alienation, of work and consequently of space are changed. However, it continues to be produced by an alienated work that ends up putting in contratempo the overcoming of social conditions and the very society of capital, having as a clearer result, the alienation of space and individuals.

Key Words: Space; Work; Alienation

Introdução

O tema espaço é um desses que o momento atual nos impõe. Justifica-se pela sua importância como categoria de análise e por concretizar as relações humanas em sua totalidade. Hoje ainda mais, no nosso século o espaço social se apresenta como o grande protagonista nos movimentos sociais seja na busca de justiça ou vislumbrando um mecanismo de resistência, luta e utopia.

As sociedades humanas para produzirem e reproduzirem sua existência estabelecem relações vitais com seu espaço. Produzir a sociedade é produzir espaço. Como produto do trabalho, é social e histórico, portanto, o espaço é uma vertente analítica de imensurável valor. Porém, seu estudo hoje requer um cuidado, que é na atualidade, o

¹ É resultado de leituras e debates forjados na disciplina História social do trabalho no programa de pós-graduação em Geografia da FCT-UNESP campus de Presidente Prudente.

presente movimento histórico, o meio técnico-científico-informacional a força das imagens, e o trabalho atual, ameaçam o entendimento do espaço e dos próprios indivíduos.

Por sua vez, é preciso percorrer os caminhos e descaminhos do entendimento do espaço, de forma que, ao fim do trajeto se possa compreender que, desde a primeira interpretação à última, a produção do espaço pelos indivíduos é a mesma, alienada. Buscamos identificar os limites e os discursos das mais diferentes conceituações de espaço, observamos que na sua grande maioria, o espaço se forma, se aprende e se vive na alienação, pelos indivíduos (SANTOS, 2007).

Neste processo de busca e reflexão procuraremos discutir a relação que existe entre a sociedade com suas necessidades, o trabalho como categoria central e o espaço como sua substância material mais concreta. O objetivo é trazer para o leitor esta discussão, ampliando o debate em torno da concepção de trabalho, sociedade e espaço, associada, pois, aos conceitos de lutas de classes, alienação e ideologia. Este debate ancora-se fundamentalmente nas contribuições de Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, Ricardo Antunes e Antônio Thomas Junior entre outros autores.

Para tanto, é importante discutirmos a geografia a partir do espaço que temos, buscando a construção de um quadro teórico apresentando o entendimento e significado do espaço humano. Entretanto, o próprio conceito tem sido acompanhado de inúmeros debates e um amplo conjunto de necessidades e interesses. Dessa forma, o que se propõe neste trabalho é analisar o espaço com sua complexidade de interpretações e significados.

O espaço mutável

Podemos observar que a preocupação inicial da Geografia tem sido mais em descrever o espaço do que conceituá-lo (SANTOS, 1978). Não obstante, temos que estar atento com o ponto de partida de nossas reflexões, que nesse caso é a geografia. O espaço é a razão de trilhar da mesma. O espaço lhe confere a sua autonomia e identidade. É o ângulo e a própria forma sob a qual a geografia ganha unidade e especificidade no âmbito das ciências sociais.

Milton Santos reconhece que só foi possível para a geografia, construir um conjunto de preposições baseada num sistema comum, entrelaçado por uma lógica interna quando a geografia deixa de lado a discussão narcísea em torno de si mesma enquanto disciplina e preocupa-se com seu objeto, que é o espaço.

Em Por uma geografia nova considera que (SANTOS, 1978) “a geografia poderia ser construída a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos”.
Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 10, v. 03, p. 32-49, jan-abr/2019, ISSN: 1984-1647

Segundo o mesmo, os elementos fixos, concretizados em um dado lugar permitem ações, mediante os fluxos, que são cada vez mais renovados no tempo atual e vão dando a possibilidade de modificação e redefinição dos lugares.

Apoiado em Marx e Lefebvre (SPOSITO, 2004; CORRÊA, 2006) apresenta em suas diversas obras que o espaço é um fator social e não um mero reflexo da sociedade. Afirma que o espaço deve ser estudado por meio de quatro categorias de análise, a forma, função, estrutura e processo, que segundo o autor permitem um estudo, uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em sua totalidade (SANTOS, 1988). Em sua proposta mais atual ele considera “o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 2006, p.22). Através da qual, tinha a ambição de construir um quadro de análise unitário que permitisse ultrapassar ambiguidades e tautologias (SANTOS, 2006 p.21). Segundo o autor,

A partir da noção de espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações podemos reconhecer suas categorias analíticas internas. Entre elas, estão a paisagem, a configuração territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo. (SANTOS, 2006 p. 22).

Por meio desta discussão, o estudo das expressões mutáveis que revestem o espaço com suas lutas de classes, alienação, ideologia e a própria materialização do capital, com sua essência destrutiva e produtora de desigualdade tornam-se mais palpáveis e concretas dentro deste conjunto, este campo de observações e experiências que é o espaço geográfico. Portanto, uma das importantes contribuições da geografia para a sociedade contemporânea, é ler estes inúmeros contextos a partir da perspectiva espacial, onde se fazem presentes os indivíduos, suas culturas, suas ideologias, suas lutas resistências e as práticas sociais.

Para Oliveira, o espaço:

[...] é uma totalidade que envolve sociedade e natureza. Cabe à geografia levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza. (OLIVEIRA, 1994, p. 142).

É necessário entender que o espaço faz parte das atividades humanas, e que nas práticas do cotidiano é imprescindível saber se localizar, conhecer o bairro onde mora, os pontos importantes das cidades, e o próprio espaço de sua moradia. A importância do espaço se dá por ser onde os homens e mulheres se relacionam, vivem, produzem e

reproduzem toda totalidade social. Entretanto, é preciso verificar como foram construídas as diferentes conceituações de espaço ao longo do tempo.

De acordo com Corrêa (2006), o espaço no pensamento geográfico foi discutido e interpretado de acordo com as diferentes práticas humanas que estabeleceram diferentes conceitos sobre o significado do espaço. A mesma ideia é compartilhada por Santos (2002), quando retrata que as relações sociais na busca incessante de superação de suas dificuldades, criam e recriam sua leitura de mundo, incluindo, as categorias e seus significados. Temos que ao longo do desenvolvimento da geografia o espaço foi visto de diferentes formas.

As bases filosóficas da geografia e o surgimento do espaço remontam a pensadores como, Descartes, Kant, Comte, Hegel e Marx, (SANTOS, 1978). Newton estabelece a ideia de espaço absoluto, imutável. Na mesma maneira de pensamento, Kant viu-o como receptáculo, como condição de possibilidades dos acontecimentos, seria uma representação a priori sendo fundamento necessário dos fenômenos externos. É uma “intuição pura” vazio.

Kant e Newton chegam aos mesmos resultados. A base tanto para os possibilistas e deterministas é o espaço como condição de possibilidade. Dentro deste contexto, não nos surpreende que a noção de tempo, o tempo das sociedades em seu movimento dialético ordenado pelo capital tenha estado ausente da concepção desses autores e dos fundadores da ciência geográfica.

Na geografia tradicional, o espaço não se apresenta como conceito chave, porém, aparece na obra de Ratzel. O espaço foi visto como uma base indispensável para a reprodução e desenvolvimento da sociedade, o chamado espaço vital. Ratzel em sua antropogeografia, obra que aliás funda a geografia humana (MORAES, 1998) elabora este conceito e outro como o de território. Posteriormente, Hartshorne coloca que os conceitos espaciais são de fundamental importância para a geografia, sendo à tarefa dos geógrafos, descrever o espaço, que era entendido como absoluto, um receptáculo que apenas contém coisas (MORAES, 1998; CORRÊA, 2006).

Ainda em Corrêa, é na geografia neopositivista que o espaço se torna um conceito chave da disciplina. No âmbito dessa corrente de pensamento o espaço é considerado sob duas formas, através da noção de planície isotrópica e de sua representação matricial.

Apoiando-nos em Spósito (2004) temos que no primeiro, o ponto de partida é homogeneidade. É uma construção teórica que resume a percepção do espaço derivada de um paradigma racionalista e hipotético dedutivo. É uma superfície invariável, constante

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 10, v. 03, p. 32-49, jan-abr/2019, ISSN: 1984-1647

onde os lugares seriam iguais e apenas os mecanismos econômicos levariam as diferenças no espaço. A variável mais importante seria a distância que é entendida por um efeito declinante.

No segundo, o espaço geográfico pode ser representado como uma matriz e sua expressão topológica o chamado grafo. A esta corrente da geografia fica evidente uma análise pautada no local tendo como suporte a noção de redes, nós, hierarquias e superfícies.

Em contrapartida, se analisarmos hoje a leitura que se faz do conceito de espaço, pode parecer que estas interpretações iniciais sejam analisadas como visões limitadas do próprio espaço. No entanto vale ressaltar que mesmo sendo consideradas inadequadas para a realidade de hoje, elas foram essenciais para desenvolver e construir toda uma categoria científica. Sendo assim, é fundamental reconhecer a gênese do conceito de espaço para que se faça na atualidade uma análise mais ampla e provedora de novos questionamentos a respeito da relação humana com a produção do espaço.

Ainda nas palavras de Santos:

Espaço. Finito ou infinito, relativo ou absoluto, receptáculo ou, simplesmente, um “invólucro” dos objetos, o uso de tal categoria, é sem dúvida, e em nossos dias, praticamente obrigatório em qualquer tipo de debate acadêmico. (SANTOS, 2002, p15).

É na chamada geografia crítica ou radical na década de 70 que o espaço reaparece como conceito chave. Colocaremos inicialmente nas colocações de Corrêa de que:

O espaço aparece definitivamente na análise marxista a partir da obra de Henri Lefévre. Em seu Espaço y Política argumenta que o espaço “desempenha um papel ou uma função decisiva na estruturação de uma totalidade, de uma lógica, de um sistema”. O espaço entendido como espaço social, vivido, em estrita correlação com a prática social não deve ser visto como espaço absoluto, “vazio e puro, lugar por excelência dos números e das proporções” (LEFEBVRE, 1976, p.29), nem como um produto da sociedade, “ponto de reunião dos objetos produzidos, o conjunto das coisas que ocupam e de seus subconjuntos, efetuado, objetivado, portanto funcional” (LEFEBVRE, 1976, p.30). O espaço não é nem o ponto de partida (espaço absoluto), nem o ponto de chegada (espaço como produto social). (CORRÊA, 2006, p.25).

Fundada no materialismo histórico e na dialética, procurando romper com as tradições positivistas é na geografia crítica que surge uma contribuição mais polemica em torno do espaço (SPOSITO, 2004). O rompimento com a perspectiva tradicional está contido no objetivo e na busca de novos caminhos, de nova linguagem, novas propostas, onde o objeto, o método e o significado da geografia foram questionados.

O que se colocava era uma geografia mais generosa que consegue-se apreender a complexidade atual da organização do espaço que passava por grandes transformações pelo capitalismo em sua fase monopolista e a implacável dieta *neoliberal*. O posicionamento contra a ordem estabelecida que estivesse à frente da transformação da sociedade, da realidade social, que assumiam o conteúdo político da geografia vai ser encontrado com a geografia crítica.

O espaço vai ser entendido como “o lócus da reprodução das relações sociais de produção” (CORRÊA, 2006, p.26). Deixa de ser mero reflexo da sociedade e passa a ser entendido como uma parte da totalidade das relações sociais, um fator social.

Espaço e trabalho

Por meio do trabalho se dá a dinâmica entre o pensar e fazer. Isto quer dizer, que ao desenvolvermos a crítica do fazer pelo ato do pensamento e a crítica do pensamento pela ação da prática fazemos um devir perpétuo da história e do espaço geográfico, sempre marcado pela relação dialética e recíproca entre o fazer e o pensar (ANTUNES, 2006).

É por meio do trabalho que os homens estabelecem relações entre si e com a natureza, pois se faz necessário definir socialmente o modo de produção e a forma de distribuição dessa produção. Daí surge os sistemas socioeconômicos e as relações socioespaciais.

A partir das necessidades do homem em termos de fome, sede e frio verifica-se uma ação de intervenção na natureza. Do caráter social, envolvendo um trabalho organizado coletivamente, implica uma certa divisão do trabalho e a definição do que, quanto e como será a produção. E ainda de que jeito reparti-la. Surgem então relações sociais que têm sua essência na produção. É no trabalho social que os homens estabelecem relações entre si e, a partir destas, com a natureza. (CORRÊA, 1986, p. 54).

O trabalho é condição de transcendência. Superação das condições de que a natureza nos impõe o trabalho deveria representar o próprio ato de liberdade e superioridade humana pelo fato de que é condição de superação dos determinismos naturais e sociais. Portanto, um elemento fundamental na criação do espaço geográfico, conforme afirmou Santos (2002, p. 23) “O que pensamos de espaço jamais poderá ser compreendido sem que se reflita sobre o próprio movimento que cria, recria, nega e, pela superação, redefine a espacialidade dos próprios homens”.

Entretanto, o que deveria se constituir na finalidade básica do ser social na sua realização no e pelo trabalho é pervertido, minimizado e reduzido, constituindo-se num

forte obstáculo na busca de plenitude do ser (ANTUNES, 2007). A essência humana é negada e mutilada no processo.

O trabalho é utilizado à custa de um sistema repressivo, que se apodera das forças físicas e intelectuais dos indivíduos, que acabam a meros instrumentos no espaço. Dito de outra forma, o ato de produção e reprodução humana realiza-se pelo trabalho. No entanto, ao se tornar um meio de sua sobrevivência, para sua subsistência e não um fim em si, na busca da realização humana, tem como sequela a criação de homens e mulheres alienados e também um espaço alienado.

Espaço e alienação

A história dos últimos séculos tem a sido a história da formação e das transformações do que Konder, (2000), passou a designar como a “história da formação do homem burguês”. O que contaremos sobre a alienação e espaço está relacionado e até mesmo se confunde com a atmosfera social criada neste cenário de longa data que veio sendo travada para criar este mundo específico de condições necessárias à autonomização dos indivíduos.

A sociedade feudal rigidamente hierarquizada atrapalhava as aspirações, desejos e sonhos dos comerciantes que aspiravam ideais de liberdade e não quaisquer tipos de liberdade, mais falavam em liberdade econômica, de serem empreendedores e mais competitivos. Os desejos de que o dinheiro e o capital assim como o valor de troca fossem reconhecidos como valores importantes são os resultados das mudanças desejadas pelo homem burguês.

Não reduzimos o conceito de burguês a uma classe. Como coloca Konder, (2000) “se reduzirmos o burguês à sua classe, ele se torna uma figura sociológica bem definida, mas a marca de sua influência na sociedade se torna menos perceptível” (KONDER, 2000, p. 15). Uma coisa é dividir a sociedade em classes e encontrar a burguesia nesta situação, outra é pensar o tipo humano que a burguesia desenvolva na sociedade e seu projeto societal.

Esta sociedade, portanto, burguesa, estruturada sobre a hegemonia desta classe comporta algumas tensões e conflitos internos sem necessariamente destruir e questionar o homem burguês. Como “ratos” se deslocam no interior da sociedade na maioria das vezes apoiando as iniciativas do capital, ou em menos casos, mas sem grandes transformações, questionando seus efeitos e sequelas.

As experiências históricas comprovam que esses questionamentos podem muito pouco incomodar a ordem burguesa, são suportáveis e não chegam a ser apavorantes. Parece ser um sentimento de ser indestrutível. Já que, querendo ou não somos burgueses, pertencemos a essa espécie de homens, vale apenas observarmos com especial atenção nestes anos mais recentes as características de aprofundamento da alienação na sociedade contemporânea como um dos sofrimentos (ou não) do homem burguês.

A perversão do nosso tempo é apontada por vários autores² no papel que a alienação vem desempenhando para a vida coletiva e individual. Nas retinas da humanidade, multiplicam-se as contradições, intensificam-se a perda de vidas e não vislumbramos nada além do que já existe.

Neste sentido, a crítica ao sistema social se faz viva e no presente momento ainda mais necessária. O mundo do capital com o sentido de subserviência ao efêmero e “enquanto o capital continuar dominando as relações sociais, a teoria de Marx permanecerá atual” (BENSAID, 1999, p. 11). “O marxismo foi (é) o eterno pesadelo daqueles que ainda acreditam nas virtudes do capitalismo” (GONZÁLES, 2006, p. 25), talvez, as inverdades revestidas de inúmeras ideologias acerca da teoria por nós defendida venha desta verdade.

De um ponto de vista da análise do pensamento de Marx, Avineri (1968, p. 105)³ escreve que a “alienação, de acordo com Marx, possui três aspectos: na moderna sociedade, o homem é alienado da natureza, de si mesmo e da humanidade”. Para Mészáros, (2006, p. 19) “o conceito de alienação tem quatro aspectos principais, que são os seguintes: a) o homem está alienado da natureza; b) esta alienado de si mesmo (de sua própria atividade); c) de seu “ser genérico” (de seu ser como membro da espécie humana); d) o homem está alienado do homem (dos outros homens)”.

Como lembra Santos, (1993, p. 64) “É desse modo que ele se submete a um processo de enquadramento, que o aprofunda na sua condição de consumidor e esteriliza as possibilidades reais, mas apenas latentes, de uma outra cosmovisão”. As tendências implantadas nessa atmosfera social não poderia ser outra se não, “trata-se aqui, da defesa de interesses ligados à propriedade, já obtida ou a obter no quadro da sociedade mercantil. A

² Ver; Josephson, Eric e Mary (1962), *Man Alone: Alienation in modern Society*, Konder Leandro (1965), *Marxismo e Alienação*, Fritz, Pappheim (1967), *A alienação do Homem moderno*, Mészáros István (1970), *A teoria da alienação em Marx*, Gabel Joseph (1970), *Sociologia de la alienacion*, Bertell Ollman (1971) *Alienation: Marx's conception of man in capitalista Society*, Lucien Sève (1975), *Analises Marxistas da alienação*, Adam schaff (1977), *La alienación como fenómeno social*, Codo Wanderley (1985), *O que é alienação*.

³ “Alienation, according to Marx, has three aspects: in modern society, man is alienated from nature, from himself and from humanity” (Página, 105). Tradução nossa.

ação não se dirige para reduzir os efeitos da sociedade de consumo, mas para nela inserir ainda mais profundamente os respectivos protagonistas.” (SANTOS, 1993, p. 75).

Para Fritz, (1967, p. 10) “parece haver em todos nós uma tendência de nos tornarmos indiferentes e expectadores” alerta o autor. Seu pensamento interroga-se, “mas não estaremos simplificando o problema em demasia quando relacionamos a alienação a um período específico da história em vez de vê-lo arraigado na condição humana”? (1967, p.13), deixemos para que o leitor tome seus julgamentos. Vendo a alienação não como aspecto isolado e sim como algo estruturalmente construído sob a égide do capital e enquanto permanecer tal estado de coisas, o autor esclarece, “o respeito pelo indivíduo e pela dignidade do homem não se pode efetuar, mas permanecerá sempre no domínio das ideias e pronunciamento filosóficos” (1967, p. 14).

Esse quadro é o mesmo analisado por Alves (2011, p. 93) onde “nunca a ideologia encontrou, em si e para si, tantos meios materiais de disseminação midiática” internet, TV acabo, celulares, smartphones, tablets que desenvolvem e aprofundam a alienação contemporânea como sendo nas palavras do autor, resultado do “sociometabolismo da barbárie”. Em resposta ao tempo de sofrimento humano, do homem burguês é construída socialmente a amenização da atmosfera alucinante, surge e joga seus paliativos com a ampla disseminação da cultura dos “autoajuda” onde não é apenas vendido um produto, um livro, mas respostas emocionais e adaptativas a realidade neoliberal (ALVES, 2011). Uma concentração desses materiais é encontrada não só em livrarias, mas em mercados, postos de combustíveis, farmácias e outros estabelecimentos comerciais. Uma presença para amenizar a ausência de nós mesmos.

Marcuse, (1968, p. 70) “o que importa é o valor de troca e não o da verdade”. Talvez o estado de ausência humana seja justificado pela permanência na vida social do uso intenso e desgovernado da tecnologia de comunicação que invadiu o cotidiano como um fato social e submeteu os homens aos olhares para seus smartphones. Se em tempos antigos, como na mitologia grega, olhar para o rosto de medusa gerasse destruição, hoje temos outros monstros nocivos, como o desvio para a indiferença quanto ao próximo, a cristalização da nossa personalidade, preocupados em nós mesmos, os discursos tautológicos, os remédios suaves, as redundâncias, o silêncio.

Em contraste com o conceito marxista de alienação, que assinala a relação do homem consigo mesmo e com seu trabalho, na nossa sociedade do século XXI a alienação é a transcendência da existência humana no desenvolvimento histórico atual. Logo, é um estado superior daquele que foi analisado por Marx. Hoje é um estado de comportamento

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 10, v. 03, p. 32-49, jan-abr/2019, ISSN: 1984-1647

de indivíduos que se enraíza e mais do que tudo é condição de existência da sociedade e dos indivíduos. Pensar a existência atual sem esse fenômeno do sistema social atualmente é ingenuidade tamanha é a perversidade de nosso tempo. E não qualquer tipo de existência, mas uma existência inautêntica.

O tom irreal é a tomada inventiva da prosperidade absoluta e universal que demonstra seu caráter falso, onde na verdade perpetua-se e prolonga-se a miséria, a agressividade do consumo, a injustiça. Essa condição convence o homem da modernidade e da pós-modernidade de formas irreconciliáveis com a própria realidade, onde prazer e realidade se confundem no imaginário social e favorece uma consciência que facilita a dominação e a aceitação dos malefícios da barbárie social.

“Não nos apeguemos a ilusões”, (MARX, K. p.17.) A alienação não é a única característica da nossa sociedade. No entanto, “toda libertação depende da consciência de servidão” (MARCUSE, p. 28.) Não passar por esse caminho seria uma displicência de nossa parte. A alienação implantada e seu caráter corrosivo de indivíduos é um mal inseparável da realidade existente e portanto, dentes de engrenagem de um máquina complexa.

Sempre negando sua essência no trabalho, e em constante negação de si mesmo poderíamos afirmar com Vazquez (2007) que “a história humana não passa da história da alienação no trabalho”. Acrescentaríamos que a história humana não passa da história da alienação de seu espaço também. No entanto, não consideramos o trabalho apenas como fonte de alienação, porém é igualmente superação, emancipação.

O conceito de alienação, neste sentido, foi criado por Marx para explicar que, no modo de produção capitalista o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, sendo apropriado pela burguesia, servindo apenas para reprodução do capital e, conseqüentemente, aumentando a desigualdade. O resultado é o estranhamento entre o produtor e a sua obra produzida. Por isso, o trabalho perde seu caráter emancipatório e inerente ao ser humano e torna-se, então, instrumento de reprodução do capital.

Neste sentido, Neves (*apud* LOUREIRO, 2004, p. 95) afirma:

Alienação é um conceito clássico utilizado por Marx e tendências influenciadas por este, cuja formulação se baseia, inicialmente, nas implicações decorrentes do fato de que no capitalismo o produto do trabalho torna-se um poder independente e estranho ao trabalhador. Em outras palavras, significa que os progressos obtidos nos últimos séculos não favorecem a emancipação, mas ampliação do poder objetivo do capital sobre o trabalho, do ter sobre o ser. [...].

A alienação e o estranhamento do espaço caracterizam-se, pelo seu caráter de venda (isto é, a transformação de sua potencialidade humana através do trabalho em mercadoria), pela conversão dos que produzem o espaço para meros “espectadores” no conjunto societal. Dessa forma, não é difícil compreender a fragmentação do corpo social em uma aparência de indivíduos isolados, perseguindo objetivos restritos a servidão do capital. Não é de surpreender que nessas circunstâncias o espaço passe despercebido.

É como se estivéssemos vendo o “bonde passar”, numa alusão a materialidade de o fenômeno, o fato social, o espaço continuar existindo sem que nós tivéssemos com ele qualquer interação, ou mesmo a vontade de intervir para a mudança (THOMAZ JUNIOR, 2009). Santos (2006) retrata o fato de que a escolha do homem comum, em muitas das ações que empreende na sociedade do capital é limitada. Frequentemente, o ator é apenas o veículo da ação desejada, e não seu verdadeiro motor.

Importante ressaltar que através desta alienação encontra-se o processo de perda de dimensão. Sua real condição humana é pervertida. Dessa forma, passa a ser um indivíduo manipulável no espaço geográfico, onde os indivíduos não comandam mais sua produção espacial, e é conduzido ao espaço pelo capital. O capital promove a fusão do espaço com a produção de ideologias. O espaço geográfico hoje é repleto de manifestações falaciosas, a força das imagens, da ideologia, tem como objetivo instruir e enganar os indivíduos por um vasto ramo de representações e ideias, onde o conteúdo é a propagação a todo o momento para o recrutamento ao mercado alienante de trabalho.

Não se restringindo deste processo o momento histórico atual tornou as mercadorias, o capital, o dinheiro em realidades tirânicas, já que estes objetos abstratos são usados e colocados como se fosse o “bem” maior de um homem. O “ter” o “status” são impulsionados pela lógica da sociedade do consumo que produz, cada vez mais, uma perda da compreensão do mundo e do espaço em que se vive.

As consequências negativas que o trabalho tem para o homem lhe aparecem como algo natural que não requer explicação. As condições de existência humana, as “naturalizações” das relações de trabalho, tanto as sociais como as culturais, tornaram-se algo comum, como se fossem estabelecidas, cristalizadas e inflexíveis no espaço geográfico. Portanto, aparecem para o indivíduo como insuperáveis.

O espaço criado por esta atividade alienada no processo de criação da sociedade se reverte em criador dos próprios indivíduos. Uma relação recíproca nasce da produção do espaço com a produção dos indivíduos, juntamente com a totalidade das relações sociais

que se dão. O espaço então se torna aquilo que fala Santos, (2007) do espaço como um produto-produtor do homem na sociedade.

Ao considerarmos estas questões, não podemos nos satisfazer com apenas as colocações de que o espaço que temos hoje seja estranho aos indivíduos. Pelo contrário, o espaço é de suma importância e rico de sentido para os articuladores do sistema do capital que o utilizam como condição necessária para a manutenção das diferenças entre as classes sociais.

Este esclarecimento é de fundamental importância se quisermos entender para quem o espaço se encontra de forma abstrata. O espaço que temos desprovido de sentido se dá para a grande maioria de indivíduos que vivem pela herança do pesado fardo histórico da subdivisão do trabalho.

Pelo que foi exposto, podemos entender que de certa maneira, que o trabalho é a atividade humana por excelência, se constitui como fonte originária, primária de realização do ser social e, portanto, fundamento da realização humana e elemento fundamental na produção do espaço geográfico. Ou, segundo Marx:

O trabalho como criador de valores-de-uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem - quaisquer que sejam as formas de sociedade, - é necessidade natural eterna de efetivar intercâmbio material entre o homem e a natureza, e, portanto, de manter a vida humana. (MARX, 1971, p.50).

A coesão do sistema de capital é historicamente conhecida pela subversão dos valores de uso em valores de troca. Por transformar o trabalho em uma dupla dimensão, como produtores de valor de uso e valor de troca. Neste sentido é necessário que se faça uma distinção entre trabalho abstrato e concreto, sabendo-se que o primeiro cria valor de troca e o segundo valor de uso.

A distinção entre as dimensões concreta e abstrata do trabalho é de extrema importância, visto que na sociedade capitalista, o valor de uso perde espaço para a supervalorização do valor de troca[...] Em outros termos seria o mesmo que dizer que a sociedade contemporânea é movida predominantemente pela lógica do capital, pelo sistema produtor de mercadorias e que o trabalho abstrato cumpre papel decisivo na criação de valores de troca. (THOMAZ JUNIOR, p. 113).

Portanto, para converter sua lógica corrupta e injusta e tornar-se coerente com o propósito da humanidade era necessário subordinar valor de troca ao valor de uso separando-os, tornado o valor de uso submisso (ANTUNES, 2007). Este é um dos ordenamentos e segredos do êxito do capital em relação a se impor a todos os territórios.

Na medida em que o valor de uso atende as necessidades básicas e não supérfluas, este se torna em obstáculo para o êxito do capital (ANTUNES, 2007).

Porém, temos que ao desaparecer o caráter útil e fundamental do trabalho, ocasionado pela sociedade do capital, também desaparece o significado do espaço e consequentemente o aumento da alienação. O trabalho (no espaço) corporificado, a substância procriadora de valor desaparece como mercadoria. Dessa forma, o espaço aparece misterioso, alheio, simplesmente por encobrir as características sociais do trabalho dos indivíduos mostrando-os como diferenças inatas. Oculta, portanto, que o espaço é produzido a margem deles, sendo produto do seu próprio trabalho. É nesta dissimulação o espaço passa despercebido, apresenta-se como mercadoria, daí então é fácil passar de mercadoria ao fetiche do espaço.

Ao longo das exposições feitas sobre o trabalho, fica claro o papel do mesmo como mediador universal da produção do espaço. Neste sentido não podemos esquecer que a relação sociedade-espaço é desde logo um movimento de valorização do espaço, pelo fato de que, o trabalho é uma fonte de valor. Desse modo, uma relação de valorização. (MORAES e COSTA, 1987).

No entanto, no sistema de capital, sob seu metabolismo social alienante, o espaço é antes de tudo, objeto, veículo e produto do sistema que o compõem. Seu processo de valorização do espaço é a própria valorização do capital. É a sua forma material de manifestar-se. Porém, como afirma Marx, (1971), o sistema de capital em todas as suas formas, é totalmente incompatível com seus próprios objetivos e projeções, dessa maneira, o próprio movimento de valorização do espaço e do capital, manifesta-se espacialmente desigual e contraditório.

O processo de subordinação das relações sociais e, consequentemente, do trabalho da produção do espaço e do território ao capital, não é uma relação fatalista, infinita ou estável, pois as relações sociais são dinâmicas e mutáveis. Como afirma Santos (2001), a realidade é constituída não só do que existe hoje, mas, do que pode vir a existir concretamente aqui, ali ou em qualquer parte.

Considerações finais

Para ampliar as questões gostaríamos de colocar que as colocações de espaço dentro da ciência guardam algo em comum. O fato de que desde a primeira interpretação estar sob o processo de alienação causado pelo metabolismo social do capital. Isto nos leva a pensar de que os homens, produtores dos inúmeros espaços, territórios cotidianos, *Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 10, v. 03, p. 32-49, jan-abr/2019, ISSN: 1984-1647*

através de suas relações de trabalho não intermediar a produção espacial de forma autônoma. Dito de outra forma, o trabalho já estava subordinado aos parâmetros do metabolismo do capital.

Uma outra indagação, está no fato de que qual o significado destas colocações de espaço para os indivíduos do senso comum, das práticas do cotidiano, o seu espaço mudou de sentido? De relativo, absoluto, o ponto de encontro de coisas, ou até mesmo como espaço social, ou ainda o seu espaço está sob o intermédio de produção e reprodução humana encontra-se subordinado ao capital, como vimos anteriormente, alienados de seu espaço? A forma como a geografia pensa e discute o espaço é disseminada a todos os indivíduos? Buscamos através de nossas discussões sobre o espaço a superação da sociedade do capital?

Essa própria dinâmica estrutural, comandada pela lógica metabólica do capital, possui objetivos e metas. A transformação de nossas relações sejam elas na instância do consumo, das práticas sociais, da formação educacional, e do próprio espaço, se resumem apenas ao valor de troca, que por esse mesmo processo acaba por reduzir as relações humanas. Portanto, devemos colocar em evidência o fato de que a alienação não só se dá como relação entre sujeito e objeto, mas também como relação entre os indivíduos e pelo espaço. Não só pela alienação de seu entendimento, mas pela articulação estratégica do sistema em impor suas características e alienar os indivíduos do espaço.

Diante disso, podemos afirmar que as relações entre os indivíduos não são mais com suas diferentes habilidades técnicas, mas, relações entre objetos, coisas, mediadas por símbolo de status, resumindo-se na própria desumanização mediada pelo valor de troca. Isso caracteriza sob a lógica do capital a mercadoria como a razão de ser das ações humanas.

Dentro deste conjunto consideramos o trabalho como substância procriadora. É o trabalho que dá existência ao espaço geográfico. Se o trabalho fosse uma condição humana de excelência para todos os indivíduos teríamos um espaço com sentido. O sentido refere-se aí ao trabalho como criador de valores de uso, o trabalho na sua dimensão concreta livre, como atividade essencial, ou como atividade “indispensável à existência dos homens”, parafraseando mais uma vez Marx (1971, p. 50).

O “sentido” está com as atividades que os indivíduos desempenham transformando o espaço e a si mesmo através de diversas formas, que, no entanto, em sua forma capitalista, não é mais do que um método particular de produzir mais-valia ou de fazer aumentar, à custa dos indivíduos, os lucros do capital. Ou, como afirma Antunes *Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 10, v. 03, p. 32-49, jan-abr/2019, ISSN: 1984-1647*

(2007) o trabalho sendo um obstáculo para o desenvolvimento pleno do indivíduo, deformando-o em uma partícula de si mesmo.

Se o trabalho, sob o metabolismo do sistema do capital aparece como fragmento, assumindo uma forma assalariada, que deforma o indivíduo, “dada à necessidade imperiosa de produzir valores de troca para a reprodução imperiosa do capital” (ANTUNES, 2007, p. 167) e não para a reprodução, da realização de suas atividades de plena autonomia e de domínio efetivo de suas potencialidades, tanto material como imaterial, temos como resultado a não acepção, e o desentendimento de nossas próprias vidas e do espaço.

Com isso, entramos num outro ponto crucial: o espaço, a matéria humana mais trabalhada por excelência (SANTOS, 2007), dentro do molde social alienante do capital tem como conteúdo uma atividade que não passa de uma falácia, produzindo o engodo geral. Como efeito de sua ação deformada, e através de suas relações sociais, o espaço se apresenta desfigurado.

Nos dias atuais essa formulação ganha ainda mais concretude, pelo fato de que é através da exploração dos indivíduos que estão autodisciplinados pelo subjugo do capital que se desenvolve o espaço sem características humanas, tendo como a moradia, a mais cara das mercadorias. Deste modo, o espaço aparece como propriedade do outro e como poder que os domina.

Em última análise a realidade concreta, produzida por uma atividade alienada, é entendida pelo indivíduo sob o ângulo particular de estranhamento. A sua real condição no espaço geográfico é mutilada e passa a ter uma relação com o espaço cotidiano, tanto do seu bairro, como de sua porção mais particular, pelas percepções e impressões materializadas.

Porém, como afirma Santos (1978, p.128), a base do entendimento e do conhecimento da realidade espacial não pode, pois, ser encontrada nas sensações. Tal base é sem substancia, pois, ela é falsa. Ela acaba por passar como uma miragem. O fato é que só através da acepção da produção do espaço e sua participação na totalidade do processo, que o conhecimento do espaço é atingido.

Não compreender os mecanismos pelos quais foi produzido o espaço é permitir a perpetuação da alienação como condição de existência do mesmo. Dessa maneira, os indivíduos ficam cada vez mais fora de suas práxis coletiva transformadora. Assumindo como vimos uma condição cada vez mais adaptativa, e manipulável dentro do conjunto societal.

Portanto, temos um espaço produzido por uma forma de trabalho que precariza e humilha os indivíduos que estão subordinados aos ditames imperativos do capital. Haveria sentido num espaço onde se criam novas condições para assegurar a dominação do capital sobre o trabalho e os indivíduos? Devemos considerar o fato de que um espaço com sentido supõe uma vida cheia de sentido através do trabalho. Diante disso, não é possível compatibilizarmos trabalho assalariado, fetichizado e estranhado com uma produção de espaço com significado.

Nossa proposta, a partir desta análise não se reduz, de forma alguma, a um modelo que pudesse ser aplicado obrigatoriamente a todas as interpretações em torno do espaço. O objetivo é mostrar como a contradição não está apenas em torno do espaço e seu movimento ordenado pelo capital, mas também pela sua leitura.

Muito se tem escrito e discutido tentando promover um entendimento sobre o tema e suas diversas amplitudes. Contudo, torna-se necessário questionar os caminhos e trajetórias dentro do próprio movimento que procura entendê-lo. O que mudou de fato? O espaço ou o discurso?

Portanto, temos a tarefa de discutir uma geografia para além do capital, a tarefa de entender que o espaço ainda é fruto de uma atividade multifacética e contraditória e que isso sempre ocorreu ainda não acabou. Cabe a nós entender e a desvendar os processos e suas novas relações, apreendendo suas multiplicidades, para que o resultado não se materialize apenas no discurso, mas na prática. A transformação é necessária!

Antes de fechar a tentativa de diálogo, o espaço que temos (espaço parte, espaço produto, expressão, receptáculo, produzido, produto, dominação) é de fundamental importância para entendermos a estrutura social cotidiana. Entretanto, o espaço que temos é mais um “produto” mediado pelo valor de troca da sociedade do capital, cheio de fetiche e sem sentido. Cultivamos e reafirmamos a ideia de que, um espaço com sentido para a grande maioria dos indivíduos só é possível através de uma prática de trabalho cheio de sentido.

Referências Bibliográficas

ALVES, G. **Trabalho e subjetividade:** o espírito do Toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo. Boitempo, 2011.

ANTUNES, R. **A dialética do trabalho.** São Paulo. Expressão Popular, 2004.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho.** São Paulo. Boi tempo, 2007.

BENSAID, D. **Marx, o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura teórica.** Rio de Janeiro. Brasiliense, 1999.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I.E. [et al] (orgs.). **Geografia: conceitos e temas.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.p.15-47.

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial.** São Paulo: Ática, 1986. (Princípios, 53).

GONZALES, A. **A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas.** Buenos Aires, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial, 2007.

KONDER, L. **Os sofrimentos do homem burguês.** São Paulo: Editora SENAC, 2000.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetórias e fundamentos da educação ambiental.** São Paulo: Cortez, 2004.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MARX, KARL. **O Capital.** 2 ed. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 1971.

MÉSZAROS, I. **A teoria da alienação em Marx.** São Paulo Boitempo, 2006. (Mundo do trabalho).

MORAES, A.C. R e COSTA, W.M. **Geografia crítica: a valorização do espaço.** São Paulo. Hucitec, 1987.

MORAES, A.C.R. **Geografia: pequena história crítica.** 17ª ed. São Paulo. Hucitec, 1999.

MOREIRA, R. **O que é geografia.** São Paulo. Brasiliense, 1983.

OLIVEIRA, A. U. de. Educação e ensino de geografia na realidade brasileira. In: OLIVEIRA, A. U. de (Org.). **Para onde vai o ensino da geografia?** 4.ed. São Paulo: Pinski, 1994. p. 135-144.

OLIVEIRA, A. U. de. Educação e ensino de geografia na realidade brasileira. In: OLIVEIRA, A. U. de (Org.). **Para onde vai o ensino da geografia?** 4. Ed. São Paulo: Pinski, 1994. p. 135-144.

SANTOS, D. **A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção de uma categoria.** São Paulo. Unesp, 2002.

SANTOS, M. **A natureza do espaço.** São Paulo. Edusp, 2006.

SANTOS, M. A transição em marcha. In: _____ (Org.). **Por uma outra globalização.** 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 141-174.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço Habitado**. São Paulo. Hucitec, 1998.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo. Edusp, 2007.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo. Hucitec, 1978

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Unesp, 2004.

THOMAZ JUNIOR, A. **Dinâmica do trabalho no século XXI**: (limites Explicativos, autocrítica e desafios teóricos). Tese de livre docência – Presidente Prudente- faculdade de ciências e tecnologia, 2009.

VAZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Buenos Aires: consejo latinoamericano de ciências sociales – CLASCO; São Paulo: Expressão Popular, 2007.

Sobre os autores (Informações coletadas do Lattes em 24/03/2019)

William Fernando Queiroz

Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente. Aperfeiçoamento em Movimentos Sociais Contemporâneos pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) Campus de Marília e em Educação: métodos e técnicas de ensino pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Pós-graduado em História, Sociedade e Cultura pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). Graduação em Geografia pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). É membro efetivo da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Como citar esse artigo

QUEIROZ, W. F. Espaço, trabalho e alienação: por uma geografia além do capital. In: **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), v. 03, n. 10, p. 32-49, jan-abr, 2019.

Recebido em: 2018-12-17
Devolvido para correções: 2019-01-02
Aceito em: 2019-01-03